

<O QUARTZO DE
CINZAS>

AUTOR

<PEDRO CAMPBELL
FILHO>

Romance
de
PEDRO CAMPBELL FILHO

EDIÇÃO
01

O QUARTZO DE CINZAS
O Senhor do Mundo dos Mortos

RIO DE JANEIRO - RIO DE JANEIRO

2022

Rio de Janeiro.

Copyright ©Pedro Campbell Filho, 2022.

Título: O Quartzo de Cinzas/O Senhor do Mundo dos Mortos.

Autor: Pedro Campbell Filho.

Páginas: 307.

Assunto: Ficção, Aventura, Ficção Fantástica.

Ano e Cidade de Publicação: 2022, Rio de Janeiro.

Número de Edição. (01).

ISBN: 978-6500368192

Todos os direitos reservados. Não é permitido a reprodução total ou parcial desta obra, por qualquer meios, sem a prévia autorização por escrito do Autor.

Requisitos do sistema. Modo de acesso: 83p.

<Autor> Pedro Campbell Filho.

Atendimento e venda direta ao leitor.

pedrocampbellfilho@gmail.com

Uma chuva de paz, ternura e prosperidade, possam cair sobre
vossas cabeças.

Esse livro é dedicado, a todos os leitores que
puderem ler cada linha, vírgula e frases.

Que esse álbum possa expressar a necessidade da existência do
verbo amar; formando assim, o perfil das pessoas.

Dedicatória.

[O Quartzo de Cinzas], por [Pedro Campbell Filho]

<PENSAMENTO>

O Livro aproxima as pessoas, amplia a cultura e desperta a imaginação.

SINÓPSE

Em um período de enorme degradação no Reino das Terras Altas do Sul, um Uruk-hai, inimigo dos humanos, uma criatura Odiada, vista como demoníaca, encontrou uma linda garota, chamada Ythel em apuros.

Logo resolveu ajudar, não só aquela jovem indefesa, como toda sua Nação Slivelle.

Ela então juntou suas forças com a criatura e unidos traçaram seus caminhos, desde jornadas perigosas, até as ruas desertas da temida Pavillon.

Mas algumas pessoas estavam querendo sua cabeça; e um dos perseguidores tinha os olhos em Ythel.

O único jeito de ela escapar de sua brutalidade, era lutar até a morte.

*A*boveã era um pequeno

vilarejo nas frias Terras Altas do Sul, onde a neve caía sem parar no Outono rigoroso que fazia para aquela região.

Nessa terra longínqua dentre outros tantos reinos que a circundavam, vivia um povo carismático e pacífico; apesar disso, tal paz só era mantida graças ao Rei Bouer e seu Exército de homens valentes e destemidos.

Slivelles era conhecido como o Reino do Gelo, pois não importava a estação do ano, a neve sempre se fazia presente nos muros da cidade, nas residências e palácios.

Esse era todo erguido em mármore verde e branco, com estátuas de anjos guerreiros, ornamentando com delicados traços de rabiscos.

Ali era ainda um dos poucos locais onde os humanos habitavam e viviam sem muitos temores. De longe suas torres eram percebidas pelas fronteiras na imensa planície de suas terras.

Era noite de lua cheia, naquela que seria as mais longas horas de escuridão, em que até o caminho luminoso que levava ao reino se escondia.

Uma pequena claridade vinda do céu penetrava por entre grossos ramos de galhos de várias árvores, e das sombras ele surgiu, com sangue nos olhos, malícia no andar e a sede intensa por seiva.

Como uma essência malévola, a criatura caminhava sobre um penhasco, na Costa Leste de Carfenon.

A névoa escura condensou-se lentamente em uma figura demoníaca gigantesca, com sua rígida pele cinzenta, espessa e nodosa como casca de árvore.

Com dois metros de altura, raspava suas garras no tapete gelado da vegetação. Um murmúrio soava em sua garganta, enquanto seus olhos castanhos claros investigavam ao redor, minuciosamente o território.

Suas roupas eram farrapos empoeirados. A camisa havia se desfeito como se roída por traças. O seu fedor era insuportável, igual ao dos corpos em decomposição.

Ele parecia um morto que não fora aceito no outro mundo e jogado de volta para a vida. Os ossos estalavam; e eram os únicos sons que quebravam o silêncio do lugar.

O céu cinzento, as lamparinas dos postos apagadas e a neblina; fazia do caminho uma escuridão total, concomitante a estação de Outono.

Mesmo assim, ele enxergava, via tudo com uma perfeição encantadora e fascinante.

O relevo da montanha maciça de pedra, e os traços das árvores marrons, se formavam entorno do lugar, saudando seus desconhecidos transeuntes.

Havia ratos mortos no chão e cristais de gelo emaranhados nos galhos das árvores. Apenas algumas raposas se escondiam nas frestas dos rochedos de pedras.

Pequenos macacos da neve corriam de lá para cá sem se preocupar com o forasteiro. Ele era somente uma peça naquele cenário vazio.

O seu caminhar solitário, era porque precisava de ar fresco, pois o bafo sufocante do seu covil, o sufocava.

Entretanto, sua mente estava viva como nunca estivera em todos esses anos. Não precisava mais se preocupar, quando encheu seus pulmões de ar fresco.

A lua mesmo encoberta preenchia as ruas com sua fraca luminosidade azul doentia. Tudo estava em silêncio, ou quase tudo.

As pessoas reclamavam do vento frio e úmido a tocar seus rostos, enquanto fechavam apressadamente as janelas, mas para a criatura, eram toques refinados desejando-lhe boas-vindas.

Durante seu percurso, o monstro conseguia ouvir a pulsação dos corações dos moradores, e sentir o calor das faces avermelhadas, castigadas pelo frio, mesmo estando dentro de suas casas.

E isso o excitava. Mas a melodia da morte, hoje não iria começar.

Ao chegar à frente da floresta da face Leste do castelo, a criatura sob uma suntuosa capa marrom com fios pretos, seguiu para um estreito ao lado de grandes arvoredos.

Com passos curtos e pesados, entrou em uma velha cabana nos fundos da sinistra selva de mata fechada.

Caminhava sozinho por um estreito beco escuro e fedorento; enquanto lobos uivavam na parte baixa do matagal.

Algum animal devia estar caçando, ou perdido. Era a resplandecente vida noturna de um pedaço abandonado.

Uruk-hai era apenas mais um vulto nas sombras, imperceptível, silencioso e isso proporcionava um sabor a mais no palco do medo.

Não podia voar, mas conseguia pairar no ar por alguns instantes; e até mesmo saltar longas distâncias. Uma bênção adquirida quando nasceu.

Um velho lobo com o rosto marcado pelas batalhas travadas, com um cheiro repugnante, olhou rapidamente para ele, e continuou seu caminho evitando a lama no solo até sumir na escuridão.